

## Decadência e História em Oswald Spengler

Augusto Patrini Menna Barreto Gomes

Programa de Pós graduação em História Social – Departamento História – LabTeo/

Núcleo de Estudos em História da Cultura Intelectual

Bolsista FAPESP

"La ciencia que la humanidad tiene en un momento dado  
depende de lo que es la humanidad en ese momento."

Georg Simmel

"O historiador nunca se evade do tempo da história: o tempo  
adere ao seu pensamento como a terra à pá do jardineiro."

Fernand Braudel<sup>1</sup>

### Introdução

O filósofo, matemático e historiador alemão Oswald Arnold Gottfried Spengler (1880-1936) é hoje quase um desconhecido, mesmo entre filósofos, cientistas sociais e historiadores. No entanto, no começo do século XX, no mundo germânico do *entre-guerras*, foi um fenômeno filosófico, cultura e editorial. Responsável por uma interpretação original da história e da civilização ocidental, para o público alemão, ele parecia ter profetizado em *A Decadência do Ocidente* o ambiente sociocultural de crise da época.

Escrito antes da 1ª Guerra, mesclando o pensamento de Nietzsche a metodologia de Goethe, sua obra mais importante, **“A Decadência do Ocidente” (Der Untergang des Abendlandes)** - 1918-1922 - foi um sucesso editorial, na Alemanha da República de Weimar. Por causa da derrota alemã em 1918, na 1ª Guerra Mundial, o ambiente intelectual pessimista e cético parecia corroborar com muitas de suas interpretações.

Seu ostracismo atual pode ser atribuído à adoção de algumas suas ideias pelo movimento nacional-socialista, especialmente aquelas contidas em seus livros políticos subsequentes<sup>2</sup>. É verdade que Spengler em vida demonstrou alguma simpatia pelo

---

<sup>1</sup> A Longa Duração. In: \_\_\_\_\_ “História e Ciências Sociais”. Lisboa: Ed. Presença, 1986. p.33

<sup>2</sup> De acordo com Patrick Gardiner nestes livros advogava “uma forma deprimente de fascismo burocrático”. GARDINER, Patrick. Teorias da História. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. p. 228

nazismo, entretanto nunca a ele aderiu e foi crítico aos “rumos” do movimento hitlerista (principalmente em seu livro “**Anos de Decisão**”) e teve seus livros proibidos pelo 3º Reich.<sup>3</sup> Também nunca foi anti-semita, e nem advogou algum tipo de racismo, político ou intelectual. Suas reflexões sobre história e a “alma dos povos” ocorriam eminentemente no campo cultural e filosófico

Contudo, nos anos que se seguiram a 2ª Guerra Mundial, sua principal obra foi, mesmo assim, referência marcante para intelectuais tais como o historiador Arnold Toynbee<sup>4</sup>, George Sorel e André Malraux entre outros<sup>5</sup>. A maioria de seus livros menores foram quase que completamente esquecidos. Sua importância posterior é devida a sua teoria da história e, não por suas ideias políticas.

Spengler nasceu em 1880 em Blankenburg, Alemanha. Estudou matemática, artes, história e filosofia em Munique e Berlim. Foi professor de matemática em Saarbrücken, Düsseldorf e Hambourg e escreveu trabalhos acadêmicos e filosóficos sobre Heráclito de Éfeso. Em 1911 passou a viver como professor particular e dedicou-se ao estudo da História e a elaboração de sua obra mais importante.

A *Decadência do Ocidente* (1918/22)<sup>6</sup>, é um complicado ensaio histórico-teórico. Reúne ao mesmo tempo as áreas econômica, política, matemática, artística e cultural, para debatê-las sob uma ótica histórica e comparada. O livro é a aplicação para o domínio histórico e cultural do método “*morfológico*” elaborado originalmente por Goethe para as Ciências Naturais. Essa metodologia consistia em derivar os fenômenos a partir de um fenômeno primitivo único. Esse procedimento assume um aspecto interessante ao considerar como basilar o caráter histórico das Culturas, Civilizações e do Mundo. Spengler era mais um pensador que continuava, em alguma medida, a tradição do *historicismo* alemão, uma vez que acreditava que toda forma do mundo humano é historicamente constituída, e que esse processo de constituição no tempo pode ser intelectualmente compreendido pelo historiador. Em seus textos há sempre uma tensão entre o que é “natural” e histórico.

---

<sup>3</sup> Spengler, após ser cortejado por Hitler, caracterizou-o como um homem vulgar, e e por isso teve sua obra proibida pelo III Reich.

<sup>4</sup> Historiador britânico cuja obra prima é Um Estudo de História (A Study of History), em que examina, o processo de nascimento, crescimento e queda das civilizações sob uma perspectiva global.

<sup>5</sup> É possível também destacar que essa obra influenciou autores importantes: Thomas Mann, Ernst Jünger, Emil Cioran, Martin Heidegger, Ludwig Wittgenstein e Richard de Coudenhove-Kalergi.

<sup>6</sup> SPENGLER, O. *L'Éclat de L'Occident*. Tomos I e II. Paris: Gallimand, 1976

### **Teoria da História Comparativa**

Spengler defendeu uma visão cíclica<sup>7</sup> da História e das Culturas. Essa visão assumiu ares controversos quando fez em, seu principal livro analogias e comparações entre distintas épocas e culturas do mundo. Ao mesmo tempo defendeu que estas culturas não se relacionam e que eram completamente independentes uma das outras. Em sua sistematização da “História Universal” identificou oito culturas (clássica ou antiga, egípcia, mexicana - asteca e maia, chinesa, indiana, árabe ou mágica, babilônica e finalmente ocidental)<sup>8</sup>, todas elas, em maior ou menor grau, com períodos de nascimento, florescimento e morte. Retomou também uma polêmica profundamente presente no debate intelectual alemão, marcando a oposição entre Cultura (*Kultur*) e Civilização (*Zivilisation*). Cultura, o termo então associado ao nascimento, a criação, a vida e, Civilização<sup>9</sup>, o termo associado à expansão, ao utilitarismo, à urbanidade, e, sobretudo, ao declínio e à morte. O conceito de cultura, assim como em vários pensadores da época, foi associado aos alemães enquanto civilização dizia respeito às sociedades anglo-francesas.

### **Evolução e Decadência**

Sua interpretação da História da humanidade afirmava que as etapas da História humana eram marcadas idades ou fazes históricas bem distinguidas. A História era subdividida em três épocas: a espiritual, a estética e a política. Estas épocas foram divididas por Spengler em fazes: 1) Primavera: caracterizada pela Intuição, criação cultural e identitária poderosa, criatividade, unidade e abundância. 2) O Verão: caracterizado pelo amadurecimento; distinguido pela sociedade urbano-civil mais adiantada e pelo pensamento crítico. 3) O Outono: caracterizado pela ascensão urbana, e pelo ponto elevado da força organizacional disciplinada. 4) O Inverno: trata-se aqui do enfraquecimento crescente na Civilização cosmopolita e urbana, e exaustão da força mental, além da ascensão de irreligiosidade, do ceticismo, do ecletismo e do vazio. A

---

<sup>7</sup> É possível fazer uma analogia da teoria da História de Spengler com as teorias do economista russo N. D. Kondratieff sobre os ciclos econômicos. Ver: Maurice Langueux, *Actualité de la philosophie de l'histoire*, Presses Universitaires de l'Université Laval, Québec 2001, p. 82.

<sup>8</sup> É interessante notar que Spengler considera que algumas culturas são ahistóricas, e outras históricas. Por essa razão parece ignorar algumas culturas como a Inca ou aquelas do sudeste asiático. Ele também rejeita a divisão temporal clássica e eurocêntrica: antiga, medieval e moderna.

<sup>9</sup> Caracterizada pelo ecletismo, pelo vazio e pelo ceticismo

primavera e o verão foram associados à Cultura, enquanto outono e inverno diziam respeito à Civilização.

Ao abordar essa “evolução” da história, a técnica e a arte destas culturas, Spengler estabeleceu também uma oposição entre dois conceitos, que em sua teoria são determinantes: *apolíneo* e *fáustico*. O primeiro termo adjetiva as coisas com uma concepção ética, criativa, harmônica, espiritual e estética do mundo, enquanto o segundo refere-se a uma compreensão humana “dominadora”, expansionista, instrumental, utilitária, cética e a-ética das coisas do mundo (sobretudo dos recursos naturais, da terra etc) e das coisas criadas pelo e para o Homem.

Mesmo que essa sua percepção da história seja frequentemente associada ao mundo biológico, e até mesmo das ideias darwinistas, é preciso destacar que sua hierarquização das Culturas, das épocas e dos períodos históricos é baseada em termos estritamente culturais e essencialistas e não, como alguns o compreenderam, em termos biogênicos ou evolucionistas. Sua teoria da história, por seu caráter cíclico, assemelha-se, de alguma forma, àquela de Vico e pode ser percebida como eminentemente vitalista<sup>10</sup>. Poucos intérpretes, no entanto, entenderam que para o autor a decadência não seria vista em termos pessimistas, mas apenas como uma dissolução necessária para uma transformação<sup>11</sup>.

### **Interpretações teoria da história spengleriana**

Para Patrick Gardiner, Spengler poderia ser aproximado a Croce por um tipo de idealismo, já que em seu livro:

“o assunto da história, (...), compreende ‘o que acontece’ em contraste com ‘o acontecido’; tudo é fluxo, desenvolvimento, variedade, particularidade, vida; imaginar que ela pode interpretar em termos de fórmulas quantitativas, ou arquitectar com um sistema quase mecânico é, conseqüentemente, absurdo.”<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> O vitalista no sentido da posição filosófica caracterizada por postular a existência de um impulso vital sem a qual a vida não poderia ser explicada. A morte ou a decadência seriam resultantes da perda de vitalidade e não propriamente do deterioramento físico.

<sup>11</sup> Sobre isto há alguma ambigüidade em seus textos, que as vezes assumem tons de frio prazer ao constatar a “inevitável” decadência. Sobre a inevitabilidade desta decadência o autor também é bastante ambíguo, oscilando, de acordo com o texto, entre uma possível mas improvável possibilidade de esperança (e regeneração), e a certeza da inexorável decadência.

<sup>12</sup> GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. p. 228

Ou seja, para Spengler a história exige um modo próprio de interpretação, chamado por ele de *'fisionômico'* assumindo uma forma 'inata e criadora'. Há uma forte tensão, como já foi dito, entre o já acontecido (ou essencial) e ao devir, entre a forma "natural" de compreender o universo humano, e a forma histórica de contredê-lo. Há nesse ponto a defesa de um método historiográfico intuitivo e "contemplativo"<sup>13</sup>.

A meu ver, a metodologia spengleriana, pode ser considerada um marco quando inaugura uma conveniente metodologia comparativa<sup>14</sup>. Spengler é considerado ainda hoje como precursor da história comparada. Essa metodologia ainda hoje pode proporcionar-nos enriquecimento e fomentar a pluralidade no processo da escrita da história.

Sobre Spengler, o historiador francês Jacques Le Goff afirmou em seu livro "História e Memória":

"Spengler reclama-se discípulo de dois grandes mestres, Goethe e Nietzsche, e afirma que pede o método ao primeiro enquanto o segundo fica a dever a maneira de colocar os problemas. A história que procura é uma história *faustiana*<sup>15</sup>, uma história do *Sturm und Drang*, do "morre e devém" (*stirb und werde*), da "morte e transfiguração". Spengler situa-se numa posição de vitalismo exacerbado, para quem morrer é ainda viver até o fim. Torna-se evidente que a noção de decadência é também de competência dos psicanalistas."<sup>16</sup>

Já para autores como Guy Bourdê e Hervé Martin<sup>17</sup> o método spengleriano estaria associado a um tipo precursor de estruturalismo, pois que uma das postulações iniciais "a ciência não é universal", e que a humanidade "divide-se" em blocos culturais independentes.

Há algo de irracional nas teorias de Spengler. A compreensão da História somente é apreendida, segundo o autor, por meio da "intuição". É importante notar, que sua concepção de cultura é radicalmente historicista, e sempre "determinada pelo

---

<sup>13</sup> Neste ponto, há implícita a atual e polêmica pergunta sobre o estatuto da história: "arte ou ciência?". Para Spengler provavelmente a história seria uma ciência artística ou intuitiva.

<sup>14</sup> Este método utilizado por Spengler poderia ser considerado precursor da história comparada. Ver: BUSTAMANTE, R. M. da C. ; THEML, N. . *História Comparada: olhares plurais*. Revista de História Comparada, v. 1, p. 1-23, 2007.

<sup>15</sup> Grifos meus.

<sup>16</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*, Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 392.

<sup>17</sup> BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. *Les écoles historiques*. Paris, Éditions Du Seuil, 1994.

*destino*” e profundamente marcada pela história com seu ciclo de vida e morte. Para Spengler, é somente a realidade histórica que forma uma cultura ou civilização.

Essa percepção radicalmente historicista das culturas, assim como o método analógico comparativo usado para analisá-las parece ser as principais contribuições da reflexão de Spengler para as teorias da História. Além disso, o livro *A Decadência do Ocidente* é fonte preciosa de erudição histórica, quase incomparável.

De acordo com W. Waismann<sup>18</sup>:

“Doutrinariamente *A Decadência do Ocidente* contém um número considerável de visões acertadas: a angústia ou terror cósmico como sentimento primário do Homem, e a conjuração do *numinoso*, de onde resulta que a religião é a primeira forma de saber e a ciência a última; a oposição entre sujeição e liberdade, cosmos e microcosmos ou existência e vigília; os fenômenos não como objetos, e sim como símbolos, como expressão de um temperamento ou índole interna de uma alma – a ciência mesma como um símbolo a mais – e a não subordinação de uns fenômenos a outros; a oposição entre verdades e fatos; a história universal que não se converte em história da humanidade etc.”<sup>19</sup>

É interessante notar que para Waismann, Spengler estabeleceu na modernidade um relativismo comparativo, uma forma radical de ceticismo ocidental histórico, importante para que reconheçamos o quão difícil é entender os fenômenos históricos.

Já Hermínio Martins, em “Tecnologia, Modernidade e Política”; destaca que:

“Para Spengler. *O indivíduo histórico relevante é a cultura ocidental*<sup>20</sup> ou fáustica que emerge cerca de 900 depois de Cristo e que implica uma grande quebra de continuidade com as fases anteriores do pensamento sistemático, da matemática, da metafísica, da técnica (incluindo mudanças drásticas nas instituições de tempo, de espaço, de número etc.) A importância desta tese apenas pode ser apreciada se tivermos em conta que essa *morfologia da cultura* foi uma das expressões da grande dicotomia assimétrica entre “cultura” e “civilização” que impregnou o pensamento germânico durante várias décadas e que estabeleceu os termos de referência das mais importantes discussões da filosofia da técnica durante a época de Weimar.”<sup>21</sup>

Martins lembra-nos da importância que é a primeira formulação geral da ciência dentro de uma visão histórica feita justamente no principal livro de Spengler. Segundo ele, sua influência spengleriana não se deveu tanto a tentativa de *totalizar* a história mundial, mas de oferecer aos alemães da época um diagnóstico da grave crise

---

<sup>18</sup> Waismann, A. *El Historicismo Contemporaneo*, Buenos Aires: Editorial Nova, s/d, p. 76.

<sup>19</sup> A tradução livre é minha.

<sup>20</sup> O itálico é meu.

<sup>21</sup> Martins, Hermínio *Hegel, Texa e outros Ensaios de Teoria Social*. Lisboa> Século XXI, 1996. p. 231

conjuntural. “Spengler defendeu que *a incomensurabilidade de culturas não impedia a respectiva comparabilidade*<sup>22</sup> e, no seu poema em prosa wagneriano (tal como foi descrita a sua obra-prima por alguns críticos), chegou mesmo a apresentar certos processos de comparação transcultural (analogia, homologia, paralelismo, sincronidade, etc., encontram-se entre as categorias formais da sua “morfologia cultural”).<sup>23</sup>

Já o mundo anglo-saxão viu a obra de Spengler de forma bastante crítica, A Decadência do ocidente foi algumas vezes vista como “uma das mais bizarras exibições na galeria de horrores intelectual que dá pelo nome de filosofia especulativa ou metafísica da história.”<sup>24</sup>

Collingwood, por exemplo, é bastante crítico da obra. Em A ideia de História<sup>25</sup>, define-a como insensata, determinista, positivista, e conceitualmente a-histórica. Ele afirma: “A história propriamente dita é substituída por uma morfologia da história, por uma ciência naturalista, cujo valor consiste na análise externa, no estabelecimento de leis gerais, e (o que é índice decisivo dum pensamento não histórico) a pretensão de prever o futuro, segundo princípios científicos.”<sup>26</sup> Mesmo compreendendo bem a obra de Spengler, Collingwood parece desconsiderar a época e o contexto em que essa foi escrita, fazendo uma crítica de natureza essencialmente *internalista* do texto, sem considerar os aspectos metodológicos inovadores. Sua crítica parece ser unicamente aquela de um teórico da história e não aquela de um historiador.

### **Comentários de Lucien Febvre e Braudel sobre Oswald Spengler**

A interpretação sobre a história, cultura e civilização de Spengler ecoou fortemente entre leitores cultos de língua alemã, como testemunha-nos L. Febvre:

Vejo ainda nas vitrinas renanas as pilhas impressionantes feitas com esse *in-octavo*: elas se desmanchavam como neve ao sol. Em algumas semanas o nome de O. Spengler estava célebre no mundo germânico – e seu livro conhecia o maior sucesso já alcançado na Alemanha por um livro de filosofia desde Gibbon. Sucesso ainda não seria bem o termo: seria necessário falar-se de **revelação**.<sup>27</sup>

---

<sup>22</sup> O itálico é meu.

<sup>23</sup> Idem, p. 230

<sup>24</sup> Idem. p. 225.

<sup>25</sup> Collingwood R. G. A Ideia de História Lisboa: Presença Editorial, s/d.

<sup>26</sup> Idem, p. 281

<sup>27</sup> FEBVRE, Lucien. Combats pour l’histoire IN: MOTA, Carlos Guilherme. Febvre. São Paulo: Editora

Já no mundo anglo-francês, sua recepção foi bem mais tímida. Entretanto pode-se afirmar que posteriormente as ideias contidas em “A Decadência do Ocidente” estiveram ressoando em Arnold Toynbee, André Malraux e Ortega y Gasset.

Peter Burke chega arriscar em “A Escola dos Anales” que mesmo Braudel repercute algumas ideias spenglerianas:

Sua concepção [a de Braudel] de civilização material merece também uma análise mais acurada. A ideia de um domínio da rotina (*civilization*), contra um domínio da criatividade (*Kultur*), foi muito cara a Oswald Spengler, um historiador com o qual Braudel tem mais afinidades do que as geralmente admitidas.<sup>28</sup>

Talvez pela popularidade e autoridade de Spengler no mundo de língua alemã, L. Febvre e Braudel escreveram artigos sobre seu principal livro. Lucien Febvre em “Deux philosophies opportunistes de l’histoire: de Spengler à Toynbee” empreende uma crítica ácida ao livro, apontando nele características negativas como o “antiintelectualismo resoluto, a noção heróica de destino, o antiesteticismo, o freio da criatura humana diante da majestade, a ampla majestade da história”<sup>29</sup> Para o fundador dos *Annales* é como se estas características decorressem de um tipo de *clima intelectual* pré-nazista, que deram a Spengler a possibilidade de responder aos anseios ideológicos de uma Alemanha pós 1ª **Guerra Mundial, ressentida com o liberalismo ocidental e as concepções hegemônicas de progresso e ciências naturais.** Trata-se, deste modo, para Febvre, de uma teoria da história “totalitária”:

Todos os fatos humanos de uma mesma época se integram em “culturas”. Essas culturas são seres vivos. São digamos plantas – que nascem, se desenvolvem, murcham e morrem. Seu destino começa quando o impulso, a proliferação de tudo o que elas englobam em sua unidade, se fazem anárquicos e desregrados. Além disso, ainda que todas realizem na mesma ordem as mesmas etapas – cada uma delas difere profundamente de suas vizinhas pela própria alma que a anima.<sup>30</sup>

Lucien Febvre vê essa concepção de histórica como organicista como expressão do “anúncio do declínio da civilização” e do “ódio pessimista da *Kultur* alemã da

---

Ática, 1978. p. 131.

<sup>28</sup> BURKE, Peter. A escola dos Annales. São Paulo, Ed. Unesp, 1991. p. 60

<sup>29</sup> FEBVRE. Op. Cit. P. 135.

<sup>30</sup> Op. Cit. P. 132

época” – era quilo que os alemães desejavam escutar dos historiadores profissionais alemães. Mas como estes, nesta época, encontravam-se ilhados em um antiquado elitismo acadêmico, Spengler pôde espezinha-lhes oferecendo à psicologia ressentida dos alemães “imagens vivamente coloridas”, e “regras da analogia” da decadência. Já que nas palavras de Febvre os alemães preferiam “sentir confusamente” à “compreender com toda a lucidez”.

Lucien Febvre termina seu duro artigo afirmando que Spengler de forma burlesca – afastou-se explicitamente do nacional-socialismo em seu último livro “Anos de Decisão”<sup>31</sup>, mas continuou oferecendo conselhos aos seus líderes. Este posicionamento político, de acordo com Febvre, teria acontecido porque o nazismo não era mais compatível com as teorias pessimistas de Spengler - posto que, uma vez no poder, o hitlerismo necessitava do otimismo redentor do “recomeçar, novo homem” (Neubeginnen, Der neue Mensch).

Essa interpretação do fundador dos *Annales* sobre a obra de Spengler é provavelmente fortemente marcada pelo clima de disputa e sofreguidão da época da 2ª Guerra Mundial. De alguma forma, o artigo diz muito sobre a obra de Spengler, mas também diz muito sobre o tempo e o lugar do historiador Lucien Febvre. Considero que sua crítica é eminentemente política, e não teórica ou historiográfica.

Já o *olhar* de Braudel, é muito menos marcado por essa sofreguidão, talvez porque escreveu sobre Spengler muito após a guerra. Braudel percebeu as inovações metodológicas contidas em “A Decadência do Ocidente”, e julgou o livro de forma mais tranqüila. Em seu texto “A História das Civilizações: o passado explica o presente”<sup>32</sup>, de 1959, notou acertadamente que a compreensão da *Kultur* spengleriana relaciona-se com aquela concepção medieval relativa à alma, e não como muitos intérpretes pensam, ao organismo biológico:

[...] cada cultura particular é um ser unitário de ordem superior: o maior personagem da história. Mas personagem não é um termo conveniente, nem organismo tão pouco. Como se acentuou recentemente, as culturas, no pensamento de spengler, são seres; não seres no sentido de biologia, mas antes no sentido do pensamento medieval: corpos inertes se uma alma os não animar (a *Kulturseele*). O que este livro veementemente fustiga sob o nome de cultura do ocidente é decididamente, um ser místico, uma alma.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> SPENGLER, Oswald. Anos de Decisão. Porto Alegre, Edições Meridiano, 1941.

<sup>32</sup> IN: BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. Lisboa, Editora Presença, 1990.

<sup>33</sup> Op. Cit. p. 100.

Braudel também percebeu que a questão central na concepção de história de Spengler é que **“uma cultura é um encadeamento ou, como diríamos na nossa gíria atual, uma estrutura dinâmica e de larga duração.”** Além disso, não deixa de ressaltar o caráter curioso do método comparativo spengleriano que coloca em “contato” cronologicamente e geograficamente culturas históricas diversas, sem deixar de notar, entretanto, o problema de como estabelecer o ponto de contato entre essas várias culturas:

Ao definirmos uma cultura através de uns quantos traços originais, ou mais ainda pelo feixe particular que estas originalidades formam, o método do historiador das civilizações ganha em simplicidade: reduz-se a extrair, a estudar estas peculiaridades. Depois não tem mais que pô-las em relação umas com as outras e compará-las, a fim de comparar assim as próprias civilizações. A partir destas premissas, vemo-nos arrastados a estranhas viagens através do tempo, dos séculos, dos milênios; viagens que sugerem as descrições e as antecipações que, agora, nos permitem as viagens cósmicas. Subitamente fora das leis da gravidade, todas as bagagens, todos os corpos são arrancados do seu lugar e flutuam juntos livre e estranhamente.<sup>34</sup>

O problema de Spengler, para Braudel, não é seu método, mas sua pretensão em dar a História uma ordem coerente marcada por fases determinantes e inevitáveis - ao colocar em destaque “o destino dos valores espirituais” a que reduz as culturas e as civilizações. Algo, que hoje, parece-nos no mínimo irracional ou determinista.

### **O caráter da obra de Spengler: história e decadência**

Mas como entender as ideias de Spengler? Trata-se de uma teoria da história totalitária, reacionária? Como classificá-las? É precisamos, como o fez Lucien Febvre<sup>35</sup> defini-lo politicamente? Este historiador define sua teoria da história de Spengler como totalitária. Fernand Braudel, posteriormente, - assim como outros historiadores e filósofos – reconheceu, em termos teóricos, muitos pontos interessantes na obra spengleriana.

O declínio ou a decadência são temas muito comuns ao romantismo. Em certa medida Spengler foi parte da tradicional *Kulturpessimismus* alemã<sup>36</sup>, um pessimismo

---

<sup>34</sup> Op. Cit. P. 99.

<sup>35</sup> FEBVRE, Lucien. Combats pour l'histoire IN: MOTA, Carlos Guilherme. Febvre. São Paulo: Editora Ática, 1978. p. 131.

<sup>36</sup> De acordo com Arthur Herman o pessimismo histórico “[...] vê o presente desfazendo de *maneira sistemática* as realizações do passado habitualmente criativo e organizado. As instituições outrora

histórico tardio. Por isso, muitos intérpretes o relacionam ao romantismo, assim como o faz Le Goff<sup>37</sup>. Algumas vezes, Spengler é considerado como o último romântico filosófico, como um historicista ou como um precursor do estruturalismo, ou simplesmente, já em termos ideológicos, tachado simplesmente como um teórico proto-nazista.

O historiador Jeffrey Herf<sup>38</sup>, em seu livro “O Modernismo Reacionário”, analisando-o de forma mais ampla, aborda-o sob uma perspectiva da História Intelectual, analisando atentamente vários escritos de Spengler. Esse historiador o classifica como um tipo ambíguo de *modernismo reacionário*. Sua hipótese é que em sua principal obra Spengler conseguiu unir valores opostos, como crítica à sociedade moderna, à democracia liberal e ao capital com a valorização da técnica, do nacionalismo e da *Kultur*. Desse ponto de vista, Spengler ao mesmo tempo em que nega o progresso material, abraça-o como forma contraditória de superá-lo e idealizar um mundo “novo” regido pelos valores da *Kultur*.

Não se pode negar que havia em Spengler, (assim como seus colegas defensores da *revolução conservadora*) uma vontade de mudar, ao modo *nietzscheano* a situação política, intelectual e econômica da Alemanha de sua época. Spengler parece ter defendido, principalmente em seus livros menores, como *Prussianismo e Socialismo*<sup>39</sup> - livro político concebido como uma resposta aos críticos de “**A Decadência do Ocidente**”, *a ordem técnica de massa*, modernidade técnica e social, como vetor de uma mobilização e “regeneração” da *Kultur*. Isso tudo, não obstante suas várias críticas à

---

harmônicas são agora incompatíveis e o desenvolvimento social se torna caótico e destrutivo. Ao mesmo tempo, as pessoas são incapazes de evitar o desastre iminente. A menos que o sistema de certo modo se restaure, conclui o pessimista histórico, seu colapso é quase predeterminado. O pessimismo se transforma em fatalismo. As únicas opções são a resignação e a retirada.” HERMANN, Arthur. A Idéia de Decadência na História Ocidental. São Paulo: Editora Record, 1999, p. 89 [...] “O pessimismo histórico assiste a um presente enfraquecido ou decadente, desfazendo de modo sistemático as realizações do passado. O pessimismo cultural nietzschiano vê o presente como simples extensão dos mesmos valores corruptos e sem sentido do passado; a saúde cultural verdadeira, conclui, requer a rejeição de ambos. O colapso iminente de uma civilização não é uma tragédia mas motivo de comemoração. Ela ilumina o caminho para algo novo e sem precedentes, uma ordem cultural rejuvenescida erigida sobre o princípio do completamente novo.” p. 115

<sup>37</sup> LE GOFF, Jacques. História e Memória, Campinas: Editora da UNICAMP, 1990

<sup>38</sup> Herf, Jeffrey. *O Modernismo Reacionário: Tecnologia, Cultura e Política na República de Weimar e no 3º Reich*. São Paulo: Editora Ensaio/Editora da Unicamp

<sup>39</sup> SPENGLER, O. *Presentun und Sozialismus*. München, C. H. Beck. München, 1924.

modernidade.<sup>40</sup> Neste livro Spengler reivindica o *prussianismo* como valo inerente ao “verdadeiro socialismo”. Apresentando os valores, segundo eles aqueles inerentes aos da Prússia: senso de dever, ordem, lealdade e disciplina – como valores essenciais ao socialismo futuro; desqualificando ao mesmo tempo valores como “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” associados por ele a “decadente” e “distópica” sociedade anglo-francesa. Sua utopia “reacionária” afasta-se completamente de qualquer tipo de liberalismo e marxismo, formulando uma teoria “socialista” amalgama de economia social e monarquia. Spengler deixa claro que o futuro da Europa estaria “inevitavelmente nas mãos da Alemanha” sob uma pretendida *revolução idealista*. Este livro, publicado no começo de 1920 teve tanto impacto quanto seu livro anterior, e transformou-o em “apologista intelectual da revolução alemã direita.”<sup>41</sup> Existia em “**Prussianismo e Socialismo**” uma possibilidade de escapar da destruição prevista por sua “filosofia da História” da decadência – por meio da “vontade de lutar”, pelo resgate da alma da *Kultur* alemã e da possível ascensão de um novo César.

Sobre este livro, Herman afirma:

A tradição prussiana de disciplina e abnegação poderia construir uma comunidade moderna, irmanada, de homens unidos pela obediência, pela serventia e pelo instinto. Esse “verdadeiro socialismo” destruiria o capitalismo e o marxismo, já que ambos eram ideologias do passado falsas e degeneradas. O socialismo prussiano ou “nacional-socialismo”, como Spengler chamava, canalizaria e dirigiria as energias vitais do povo alemão para um novo todo integrado e orgânico, conforme os intelectuais alemães sempre sonharam.<sup>42</sup>

Assim, Herf destaca sobre *A Decadência do Ocidente*:

A obra está repleta de conhecidos itens do repertório antimodernista, mas também apresenta um tema que recebia menor atenção, qual seja, a conciliação de sentimentos românticos e irracionais com o entusiasmo pelo avanço técnico. Os íntimos laços pessoais de Spengler com os industriais alemães e os *revolucionários conservadores*<sup>43</sup> do Clube de Junho alimentavam sua síntese ambígua de técnica e irracionalismo, que mais tarde propiciou aos engenheiros papel fundamental dentro da nova elite cuja tarefa era resgatar a Alemanha do liberalismo da República de Weimar.<sup>44</sup>

---

<sup>40</sup> Essa postura política marcou-o com o rótulo de filósofo e historiador filo-nazista, e de alguma forma transformou sua teoria da História em um tabu teórico - responsável por seu relativo banimento entre historiadores e filósofos.

<sup>41</sup> HERMANN, Arthur, p. 258

<sup>42</sup> Idem, p. 259

<sup>43</sup> O *italic* é meu.

<sup>44</sup> Idem, p. 63

Assim, nesta obra, mas, sobretudo seus livros políticos posteriores, Spengler conciliou os valores da *Kultur* com o nacionalismo e a defesa da técnica. Spengler via o nacionalismo e a tecnologia como expressões da *intuição* e da *vontade*<sup>45</sup> – para ele, motores da vida e da História (*Destino*). É curioso notar que nesta visão, a técnica não é contraditória aos valores da *Kultur*.

Na perspectiva spengleriana, a ciência encarnaria os mesmos aspectos rituais e míticos daqueles da religião, esta posição expressa, nas palavras de Herf, uma “*sensação de mundo faustiana*”, “um impulso para se espalhar através dos espaços naturais da terra a fim de sobrepujar a resistência e amorfia.”<sup>46</sup> Deste modo, o desenvolvimento das técnicas modernas representava para o autor – paradoxalmente - a *renovação do mito e reencantamento do mundo*. O mundo da *forma* – política, cultura, economia etc - seria apenas expressão daquilo antigo e imanente, a *alma cósmica*. Essa visão, algo essencialista, é característica de uma aceitação e de uma rejeição seletiva da modernidade.

É claro que Spengler foi também, como deixou claro Lucien Febvre<sup>47</sup>, um *profeta* que anunciou a ascendência das massas, dos exércitos, de um partido, e o advento de novas ditaduras<sup>48</sup>. Por isso, ele defendeu a “*mudança*” com a conciliação entre o *Volk*, os operários e os conservadores, os valores essenciais da Prússia – coração da Alemanha<sup>49</sup>.

Herf afirma sobre a visão política de Spengler:

(...) a originalidade de Spengler situava-se na amálgama de um panorama do passado com uma visão de mito e símbolo que indicava a possibilidade de uma nova era de política estetizada amanhecendo no futuro. Mais ainda, ver os avanços da técnica moderna através dos prismas de semelhante simbolismo transformava fatos profanos da vida cotidiana em fatos sagrados e transcendentais.<sup>50</sup>

---

<sup>45</sup> Idem, p. 68

<sup>46</sup> Idem, p. 63

<sup>47</sup> Idem, p. 131

<sup>48</sup> KOEHN, Barbara, *La Révolution conservatrice et les élites intellectuelles*, Presses universitaires de Rennes, Rennes, s/d

<sup>49</sup> SPENGLER, O. *Presentun und Sozialismus*. München, C. H. Beck. München, 1924.

<sup>50</sup> HERF, Jeffrey. *O Modernismo Reacionário: Tecnologia, Cultura e Política na República de Weimar e no 3º Reich*. São Paulo: Editora Ensaio/Editora da Unicamp, p. 69

Essa concepção estabelecia um tipo de anticapitalismo de direita, cujo principal elemento a ser criticado não era a máquina, mas o dinheiro, enquanto fator desenraizado, e parasitário.

Não resta dúvida de que seus dos repetitivos volumes estejam cheios de queixas antimodernistas padrão. Mas a obra [A Decadência do Ocidente] não termina em nota de desespero e resignação. É um apelo à ação, o manifesto de um modernismo fendido. A política, o sangue, e tradição devem se levantar para derrotar o poder da *Geist* e do *Geld*.<sup>51</sup>

Herf também conclui que Spengler enxergava os problemas de sua época e da história por meio do “**prisma de mitos e de símbolos**” que possibilitavam tornar a realidade muito menos complexa do que de fato era. Essa visão permitiu justamente ligar a tecnologia (e seu desenvolvimento) à tradição romântica e irracionalista, e o nacionalismo, com ideias de socialismo e revolução. Entretanto, em seus textos menores, Spengler acaba por exibir um tipo lúgubre de estoicismo, onde na História a tragédia apresenta-se sempre como inexorável. Este é o caso, por exemplo, de seu livro “Anos de Decisão”<sup>52</sup>

É justamente esse seu *pessimismo* trágico que acabou afastando-o de intelectuais conservadores revolucionários, e dos próprios nacional-socialistas, que “acreditavam na sobrevivência do homens *faustiano* no moderno mundo tecnológico.”<sup>53</sup>

Seu “Anos Decisivos”<sup>54</sup>, de 1933 parece ser uma crítica ao novo regime hitlerista, e foi quase que imediatamente proibido na Alemanha. Escrito durante a ascensão de Hitler, a realidade do novo regime parece ter se imposto sobre qualquer horizonte de superação ou perspectiva de realização de seu teorizado “nacionalismo *völkish*”. No livro, Spengler faz uma distinção clara entre o ethos *pietista* do “senso de dever” e a realização do *prussianismo* que uma revolução nacional deveria fazer “renascer” das doutrinas racialistas dos nazistas. De acordo esse livro, esse *ethos* do povo era um caráter ontológico, uma mentalidade, um sentimento - que não tinha

---

<sup>51</sup> Idem, p. 71 - Herf afirma ainda falando sobre Spengler e o ambiente intelectual da época : “ A guerra e o nacionalismo ligavam as tradições românticas e irracionalistas da Alemanha a uma forma defeituosa e reacionária de modernismo, um apelo aos ditadores da política para porem fim ao domínio do liberalismo econômico sobre a vida social.” P. 72

<sup>52</sup> SPENGLER, O. Anos de Decisão: A Alemanha e a Evolução Histórico-Mundial. Porto Alegre, Edições Meridiano, 1941

<sup>53</sup> Idem, p. 83

<sup>54</sup> O livro deveria originalmente chamar-se “A Alemanha em Perigo”, mas teve seu título alterado por causa do medo das represálias dos hitleristas.

relação alguma com raça biológica, e que muito menos poderia ser substituído pelo programa de um partido político. Spengler desqualifica o nazismo como “infantilismo” que pouco compreende as necessidades e realidade da Europa. Causam-lhe particular repugnância os espetáculos de massa, que ofendia profundamente seu significado nietzschiano de relativismo histórico. Fica evidente, após a leitura atenta deste ensaio, que Spengler, nesse momento, desprezava Hitler e seus seguidores os nazistas – tão distantes de seu sentido de aristocracia heróica. No livro, sua avaliação do mundo levá-lo-ia a advogar que o mundo estaria “prestes a partir-se em dois” entre a luta de classes no ocidente e o advento de novas *nações não-brancas* do Oriente.

Mais uma vez, ele reforça sua forte crítica aos valores liberais e democráticos do “ocidente decadente”, (para ele tomado por uma de *revolução branca*) e prevê de forma pessimista e distópica a ascensão de uma “revolução de cor” (associada principalmente aos russos e aos povos orientais). Esse possível futuro seria caracterizado pela tecnocracia, por um novo cesarismo e pelo materialismo. Não importava mais o desfecho da crise pela qual passava a Europa naquele momento. A “*vontade de lutar*” agora lhe parecia um tanto inútil.

O livro parece ser uma reavaliação de algumas de suas ideias políticas contidas em “A Decadência do Ocidente” e “Prussianismo e Socialismo”, para um contexto político pós-ascensão dos hitleristas. Sua visão parece ainda mais cética, fria e sombria do que nos livros anteriores.

De acordo com Herman:

O mundo pós-ocidental aparece no horizonte especulativo de Spengler como uma paisagem congelada, selvagem, uma luta atávica de vida e morte entre nações e classes desarraigadas. “Na civilização, recente até mesmo a mais convincente (...) idéia não passa de um esforço disfarçado puramente zoológico.”<sup>55</sup>

Parece-me, entretanto, evidente, que neste último livro, Spengler quase que abandona a ideia da possibilidade de “salvação” para assumir uma visão cética, fria e nihilista do mundo europeu e do futuro de seu país. A história do ocidente, assim como da Alemanha seriam para ele inexoravelmente de “decadência”, e o futuro seria dos “povos de cor” do oriente.

---

<sup>55</sup> HERMANN, Arthur. Idem, p. 254

## **Conclusão parcial**

Como pudemos perceber a obra de Spengler não possuem uma unidade teórica. Sua visão da História e do mundo Ocidental modifica-se de acordo com a conjuntura política da Europa de seu tempo. Fica evidente, que seu livro “A Decadência do Ocidente” é a única obra dotada de relevância teórica.

Admitamos que politicamente Oswald Spengler era um homem de direita, um conservador. Essa característica já há muito tempo apontada por Lucien Febvre, e reforçada no livro de Herf, não invalida, contudo o estudo da Teoria da História contida em “A Decadência do Ocidente”. Fenômeno editorial, cultural e histórico-filosófico, esta obra deve ser estudada em seu aspecto histórico-teórico, e não apenas no nível político. Os historiadores sabem que a história não é feita somente de flores, e deste modo, não podemos permitir que preconceitos ou tabus ideológicos nos afastem de teorias, obras ou documentos históricos que podem contribuir para o enriquecimento do conhecimento histórico e do fazer historiográfico.

A obra de Spengler proporciona-nos elementos criativos únicos; sugestões metodológicas interessantes, especialmente sua metodologia comparativa ( marcada por analogias, homologias, paralelismos, sincronicidade). Além disso, sua interpretação da ciência é um marco já que é uma das primeiras a considerar a ciência dentro de uma perspectiva eminentemente histórica.

## **Bibliografia Auxiliar:**

MATTELART, Armand. Histoire de l’Utopie Planétaire – de la cite prophétique à la société globale. Paris: Éditions La Découverte, 1999

OLIVEIRA, Rubem Mendes. A Questão da Técnica em Spengler e Heidegger. Belo Horizonte, Argumentum/Tessitura/ScienciaUFMG, 2006.

ORTEGA Y GASSET, introducción IN: Spengler, La decadência de Occidente, <http://foster.20megsfree.com/spengler1.htm>, em agosto 2009.

SPENGLER, O. L’Déclin de L’Occident. Tomos I e II. Paris: Gallimand, 1976.

\_\_\_\_\_ Presentun und Sozialismus. München, C. H. Beck.Muünchen, 1924.

\_\_\_\_\_ O Homém e a Técnica. Lisboa, Guimarães Editores, 1983.

VOLPI, Franco. O Niilismo. São Paulo: Edições Loyola, 1999.